
REVISTA TAKA'A

NASALIZAÇÃO VOCÁLICA NA VARIEDADE ORIENTAL DA LÍNGUA PARAKANÃ: RETENÇÃO OU INOVAÇÃO?

VOCAL NASALIZATION IN THE EASTERN VARIETY OF THE PARAKANÃ LANGUAGE: RETENTION OR INNOVATION?

Ana Suely Arruda Câmara Cabral

Doutora em Linguística, Professora Titular na Universidade de Brasília (UnB).

e-mail: asacczoe@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-7212-9178>

Quélvia Souza Tavares

Mestra em Linguística, Professora no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do
Pará -Campus Rural de Marabá(IFPA-CRMB)

e-mail: queltavaresb@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-7187-5678>

Maria Cristina Macedo Alencar

Doutora em Linguística, Professora Adjunta na Universidade Federal do Sul e Sudeste do
Pará (Unifesspa)

e-mail: maria.alencar@unifesspa.edu.br

<https://orcid.org/0000-0002-6149-2681>

RESUMO

Neste estudo, investigamos a presença de vogais nasais em sílabas finais na variedade Oriental da Língua Parakanã, pertencente ao sub-ramo IV da família linguística Tupí-Guaraní, do tronco Tupí (Rodrigues, 1984-1985; Rodrigues e Cabral, 2002). Essa variedade é falada exclusivamente pelos residentes da Terra Indígena Parakanã, localizada nos municípios de Novo Repartimento e Itupiranga, no sudeste do Pará. A presença de vogais nasais nessa variedade ainda não havia sido identificada em pesquisas anteriores (Monserrat, 1990; Pimentel, 1991; Silva, 1999). Discutimos, aqui, as hipóteses sobre a presença de vogais nasais na variedade Parakanã em pauta, seguindo procedimentos metodológicos do Método Histórico Comparativo (Campbell, 2013; Kaufman, 1990; e Hock, 1991), assim como, lançando mão de informações históricas sobre as rotas migratórias dos Parakanã, antes do contato oficial com a Fundação dos Povos Indígenas-FUNAI. As hipóteses são: 1) a nasalidade vocálica em discussão é uma retenção de uma época em que a língua Parakanã ainda não havia perdido a

nasalidade vocálica; 2) a nasalidade ora identificada resulta da proximidade das vogais ao final de palavra ou silêncio (Rodrigues, 2003); e 3) a nasalidade em pauta define-se como inovação, ou interna à língua ou motivada por contato com outros povos Tupí-Guaraní, como por exemplo, o Araweté e o Anambé (Thomason, 2007). Os resultados obtidos até o presente sugerem que a nasalidade de algumas vogais no Parakanã Oriental é um fenômeno recente, decorrente de influências externas, mas usadas por seus falantes como uma marca identitária. Esses achados são importantes para: 1) a compreensão da diversificação interna da língua; 2) de como as línguas Tupí-Guaraní continuam mudando na atualidade; e 3) a compreensão das motivações para essas mudanças, com implicações significativas tanto para a normatização da escrita quanto para a identidade linguística dos falantes dessa variedade.

Palavras-chave: Língua Parakanã. Vogais Nasais. Família Tupí-Guaraní. Linguística Histórica.

ABSTRACT

In this study, we investigated the presence of nasal vowels in final syllables in the eastern variety of the Parakanã language, which belongs to sub-branch IV of the Tupí-Guaraní linguistic family, of the Tupí stock (Rodrigues, 1984-1985; Rodrigues & Cabral, 2002). This variety is spoken exclusively by residents of the Parakanã Indigenous Land, located in the municipalities of Novo Repartimento and Itupiranga, in southeastern Pará. The presence of nasal vowels in this variety had not yet been identified in previous studies (Monserrat, 1990; Pimentel, 1991; Silva, 1999). In this article, we discuss the hypotheses about the presence of nasal vowels in the Parakanã variety under consideration, following methodological procedures of the Historical Comparative Method (Campbell, 2013; Kaufman, 1990; Hock, 1991), as well as using historical information about the migratory routes of the Parakanã people before the official contact with the Fundação dos Povos Indígenas (FUNAI). The hypothesis are: 1) the vowel nasality under discussion is a retention from a time when the Parakanã had not yet lost its vowel nasality; 2) the nasality identified here results from the proximity of the vowels preceding word final or silence; and 3) the nasality in question is defined as an innovation, either internal to the language or motivated by contact with other Tupí-Guaraní peoples such as the Araweté or Anambé (Thomason, 2007). The results obtained to date suggest that the nasality of some vowels in Eastern Parakanã is a recent phenomenon, resulting from external influences, and view by its speakers as a mark of identity. These findings are important for: 1) understanding the internal diversification of the language; 2) how Tupí-Guaraní languages are still changing; and 3) the motivations of the changes, with significant implications for the standardization of Parakanã writing and for the linguistic identity of the speakers of this variety.

Keywords: Parakanã language. Nasal vowels; Tupí-Guaraní family. Historical Linguistics.

Introdução

Este artigo examina a presença de vogais nasais em sílabas finais na variedade Oriental da Língua Parakanã, falada na Terra Indígena (TI) Parakanã. Este fato ainda não foi reportado nos estudos anteriores sobre essa língua e suas variedades (Monserrat, 1990; Pimentel, 1991; Silva, 1999). Foi durante a realização de uma oficina de Língua Materna, realizada com

professores falantes das duas variedades Parakanã da T. I. Parakanã, em 2023, que identificamos a presença de vogais nasais na variedade Oriental. Iniciamos, então, uma análise fonológica das duas variedades, usando primeiramente a lista de 220 palavras do Atlas Sonoro das Línguas Indígenas do Brasil-ASLIB, ampliando, em seguida, a coleta de dados, a partir de novas listas de palavras criadas para a finalidade deste estudo. A relevância dessa investigação consiste em uma contribuição para a história da língua Parakanã, para reflexões sobre a questão identitária dos falantes das duas variedades, Parakanã Oriental e Ocidental, e para a discussão sobre a atualização da proposta de escrita atualmente em uso nas escolas da TI Parakanã.

São discutidas três hipóteses relativas à presença de vogais nasais na variedade Oriental da Língua Parakanã: a primeira delas sugere que essa nasalidade é um resquício, na variedade Oriental, da presença de vogais nasais no passado da língua Parakanã; a segunda hipótese é a de que a nasalidade dessas vogais é uma inovação recente, motivada pela sua proximidade ao final de palavra ou ao silêncio; a terceira hipótese é a de que as vogais nasais resultam do contato entre falantes da variedade Oriental do Parakanã com falantes de línguas-irmãs, como o Araweté e o Anambé.

O presente estudo foi desenvolvido à luz do Método Histórico-Comparativo (Campbell, 2013; Kaufman, 1990; e Hock, 1991). Também foram muito importantes para este estudo as informações colhidas sobre as rotas migratórias dos Parakanã e seu contato com outros povos na região do interflúvio Xingu-Tocantins (Arnaud, 1967, 1971; Müller, 1985, 1990; Castro, 1986; Fausto, 2001; Cabral e Solano, 2003, 2006). Outrossim, foram igualmente importantes as discussões teóricas sobre mudanças vocálicas ocorridas nas línguas dos sub-ramos IV e V da família Tupí-Guaraní (Lemle, 1971; Leite 1982; Soares, 1979; Rodrigues, 1984, 2003; Soares e Leite, 1991; Labov, 1994).¹

O estudo encontra-se, assim, organizado: na seção 1, apresenta-se uma síntese dos estudos histórico-comparativos relativos às mudanças vocálicas ocorridas em línguas dos sub-ramos IV e V da família linguística Tupí-Guaraní, os quais contribuem para a análise da nasalidade vocálica na variedade Parakanã Oriental. Na seção 2, discute-se a validade das três hipóteses aventadas sobre a nasalidade em vogais dessa variedade, considerando o conhecimento existente sobre os movimentos migratórios dos Parakanã. Nas considerações

¹ Os dados que fundamentam o presente estudo têm sido coletados nos últimos dois anos por Tavares, Cabral, Costa, Tarana Parakanã, Ikamá Parakanã e Xeteria Parakanã, durante oficinas de Língua Materna promovidas no âmbito do Curso de Magistério Indígena Parakanã IFPA/CRMB.

finais, reiteramos que a hipótese mais consistente para explicar a presença de vogais nasais no Parakanã Oriental é a que postula um desenvolvimento recente motivado por contato com outras línguas Tupí-Guaraní no interflúvio dos baixos cursos dos rios Xingu-Tocantins. Ressaltamos, também, as implicações dessa nasalidade para a distinção identitária entre os Parakanã Orientais e Parakanã Ocidentais, bem como, a importância do presente estudo para a história da língua Parakanã, para reflexões sobre a origem de nasalidade tardia em línguas da família Tupí-Guaraní e para diálogos com os Parakanã sobre a normatização da escrita da língua.

1. Mudanças vocálicas ocorridas em línguas do sub-ramo IV da família linguística Tupí-Guaraní, com foco especial na língua Parakanã

Alguns estudos histórico-comparativos sobre línguas Tupí-Guaraní têm demonstrado e teorizado sobre mudanças vocálicas ocorridas em línguas dos sub-ramos IV e V dessa família linguística, tomando como referência as formas reconstruídas para o Proto-Tupí-Guaraní (PTG), principalmente, por Rodrigues, na década de 1960. Lemle (1971), com base em seu estudo, orientado por Rodrigues entre 1967-1968², aponta que trata de um processo de desnasalização vocálica em Asuriní do Tocantins³, e Guajajara, com base em estudos de Leite sobre o Tapirapé (trabalho publicado apenas em 1982), aponta traços comuns entre essa língua e o Asuriní do Tocantins, como a perda de contraste entre *u e *o e a fusão de algumas outras vogais com *a.

Soares (1979), em sua dissertação de mestrado intitulada: “A perda da nasalidade e outras mutações vocálicas em Kokama, Asuriní⁴ e Guajajara”, analisa o processo de desnasalização nessas línguas, retomando o que já havia sido observado por Lemle (1971), e considerando as regras propostas por Leite (1982) para as mudanças vocálicas em Tapirapé. Soares (1979, p. 76) propõe a regra: $V \rightarrow [+nasal] \quad / _C [-cont] \#$, como uma regra anterior de nasalização de vogais em sílaba final antes de consoante menos continuante, a exemplo de oken ‘ele dorme’ e okotong ‘ele fura’, em Asuriní do Tocantins. A autora sugere

² Rodrigues (1985, p. 48), em nota de rodapé, informa que Lemle (1971) utilizou algumas das propriedades de um ensaio por ele elaborado em conjunto com a autora, durante o período de 1966-1967, no Museu Nacional, quando Lemle ainda era estagiária nesse museu: “(3) - Algumas dessas propriedades já foram utilizadas em ensaio que elaboramos com Miriam Lemle em 1966-1967 (Lemle 1971), no qual foi feita a reconstrução de apreciável número de palavras do Proto-Tupí-Guaraní, mas com base num número bem menor de línguas.”

³ Os Asuriní do Tocantins são também conhecidos como Asuriní do Trocará em referência ao rio Trocará que corta a Terra Indígena, também chamada de Terra Indígena Trocará.

⁴ Asuriní do Tocantins.

que essa regra teria precedido a seguinte regra: [+cons, - cont <+ alt>] > [+nas] / __ {#, <+V>} (Soares, 1979, p. 75), a qual tornou nasais as consoantes seguidas de fronteira de palavras.

Outra mudança vocálica discutida em Soares (1979) diz respeito à desnasalização vocálica em Guajajara e Asuriní do Tocantins. Com base em Leite (1982), Soares reitera que essa desnasalização ocorreu através da regra V [+nas] — > [-nas] em ambas as línguas sem motivação concreta, como se pode deduzir. Soares (1979) conclui que o Asuriní do Tocantins mudou alguns *a(s) > /i/ e /o/, alguns *ã(s) > /o/, e certos *o(s) > /a/, assim como sofreu perda do contraste em *u e *o, acompanhada da desnasalização vocálica.

Leite (1982), por sua vez, propõe um ordenamento de nove regras para explicar as mudanças vocálicas em Asuriní do Tocantins e Tapirapé. Segundo essa autora, a aplicação dessas regras teria se concretizado gradualmente com a passagem de *a > /i/ em Asuriní do Tocantins e Tapirapé, com uma etapa intermediária que envolveu a mudança de *a > /ə/, ou seja, *a > /ə/ > /i/. Um processo gradual semelhante é proposto para a mudança de *ã > /o/ (Leite, 1982, p. 28). As regras de ordenamento propostas por Leite (1982, p.29-30) são as seguintes:

Imagem 1 – Regras propostas por Leite (1982) para explicar as mudanças vocálicas em Asuriní do Tocantins e Tapirapé.

REGRA 1

$$\left[\begin{array}{c} V \\ + \text{ rec} \\ + \text{ baixa} \\ - \text{ arr} \\ - \text{ nas} \end{array} \right] \longrightarrow [- \text{ baixa}] \quad / \quad \left[\begin{array}{c} C \\ \text{ nas} \end{array} \right] \quad / \text{ em As. Tap. Gj.}$$

a passa a ə em Asurini, Tapirapé e Guajajara

REGRA 2

$$\left[\begin{array}{c} V \\ + \text{ rec} \\ + \text{ baixa} \\ - \text{ arr} \\ + \text{ nas} \end{array} \right] \longrightarrow [- \text{ baixa}] \quad / \quad \text{ em As., Tap., Gj.}$$

ã passa a ə em Asurini, Tapirapé e Guajajara.

REGRA 3

$$\left[\begin{array}{c} V \\ + \text{ rec} \\ - \text{ alta} \\ - \text{ baixa} \\ - \text{ nas} \end{array} \right] \longrightarrow [+ \text{ alta}] \quad / \quad \text{ em Gj. exceto no ambiente } __ (\text{Co}).$$

o passa a u em Guajajara exceto quando em sílaba final ou em penúltima sílaba precedente sílaba com *o*.

REGRA 4

$$\left[\begin{array}{c} V \\ + \text{ rec} \\ - \text{ alta} \\ - \text{ baixa} \\ - \text{ arr} \\ - \text{ nas} \end{array} \right] \longrightarrow [+ \text{ alta}] \quad / \quad \text{ em As. e Tap.}$$

e passa a i em Asurini e Tapirapé.

REGRA 5

$$\begin{bmatrix} V \\ + \text{ rec} \\ - \text{ alta} \\ - \text{ baixa} \\ - \text{ arr} \\ + \text{ nas} \end{bmatrix} \longrightarrow \left\{ \begin{array}{l} [+ \text{ arr}] \\ [+ \text{ alta}] \end{array} \right\} \begin{array}{l} / \text{ em As.} \\ / \text{ em Tap.} \end{array}$$

\tilde{e} passa a \tilde{o} em Asurini e a \tilde{z} em Tapirapé.

REGRA 6

$$\begin{bmatrix} V \\ + \text{ rec} \\ + \text{ baixa} \\ - \text{ arr} \end{bmatrix} \longrightarrow \begin{bmatrix} - \text{ baixa} \\ + \text{ nas} \end{bmatrix} / \text{ em Tap.}$$

a passa a \tilde{a} em Tapirapé.

REGRA 7

$$\begin{bmatrix} V \\ + \text{ rec} \\ - \text{ alta} \\ - \text{ baixa} \\ + \text{ arr} \\ - \text{ nas} \end{bmatrix} \longrightarrow \begin{bmatrix} + \text{ baixa} \\ - \text{ arr} \end{bmatrix} \begin{array}{l} / \text{ — (Co) em As.} \\ / \text{ — em Tap.} \end{array}$$

\underline{o} passa para a \underline{a} em todos os ambientes em Tapirapé e em Asurini somente quando em sílaba final ou em penúltima sílaba precedendo sílaba com \underline{o} .

REGRA 8

$$\begin{bmatrix} V \\ + \text{ rec} \\ + \text{ alta} \\ + \text{ arr} \end{bmatrix} \longrightarrow [- \text{ alta}] / \text{ em As. e Tap.}$$

\underline{u} passa a \underline{o} e $\underline{\tilde{u}}$ a $\underline{\tilde{o}}$ em Asurini e Tapirapé.

REGRA 9

$$\begin{bmatrix} V \\ + \text{ nas} \end{bmatrix} \longrightarrow [- \text{ nas}] / \text{ em As. e Gj.}$$

As vogais se desnasalizam em Asurini e Guajajara.

Fonte: Leite (1982, p. 29-30)

Com relação ao Tapirapé e o Asurini do Tocantins, Leite (1982, p.31) propõe que o ordenamento das regras é imprescindível, de forma que a “regra 1 tem que preceder a regra 4, a regra 2 a regra 5, e a regra 1 a regra 6”. Por outro lado, a regra 6 precede a regra 7 senão “todos os \underline{a} se nasalizariam em Tapirapé”. Finalmente, a regra 7 precede a 8, e a 8 precede a 9,

evitando, assim, que todos os o passassem a a, e a regra 5 precederia a regra 9 pelo mesmo motivo.

Soares e Leite (1991, p. 41) retomam as regras propostas por Leite (1982) e, com base nelas, postulam que as mudanças vocálicas em Guajajara, Asuriní do Xingu, Asuriní do Tocantins, Tapirapé, Parakanã e Araweté compartilham as seguintes inovações:

- a) alteamento de *a > /i/ em Asuriní do Tocantins⁵, Asuriní do Xingu, Parakanã e Tapirapé;
- b) nasalização do *a > /ã/ em Tapirapé e Araweté;
- c) abaixamento *o > /a/⁶ em Asuriní do Xingu, Asuriní do Tocantins, Parakanã, Araweté e Tapirapé;
- d) perda de contraste entre *u e *o em Asuriní do Tocantins, Parakanã e Tapirapé;
- e) perda de nasalidade em Asuriní do Tocantins, Asuriní do Xingu⁷, Parakanã e Guajajara;

Já as mudanças específicas em cada língua, segundo as autoras, seriam:

- (a) alteamento de *a e *ã > /ə/ e de alguns *o para /u/ em Guajajara;
- (b) arredondamento de *ã > /o/ em Asuriní do Tocantins⁸;
- (c) alteamento de *ã > /ĩ/ em Tapirapé
- (d) alteamento de *a e *ã > /i/ e /ĩ/ e anteriorização de *i e *ĩ > /i/ e /ĩ/, centralização e desarredondamento do *u e *o⁹ (Soares e Leite, 1991, p. 41).

Ainda com base em Leite (1982), as autoras assumem que essas mudanças seriam inovações compartilhadas e graduais, de forma que o alteamento de *a > /i/, em Tapirapé, teria passado por um estágio intermediário *a > /ə/ > /ĩ/ (regra 1 e 4), assim como, teria ocorrido na mudança de *ã > /o/ no Asuriní do Tocantins *ã > *õ > *ō > *o. Retomam, também, a ideia de Leite (1982) de que tais mudanças correspondem a uma mudança de natureza *push-chain* em línguas como o Tapirapé, mas não em Guajajara e Asuriní do Tocantins, pois, segundo elas, essa mudança “...implica na fusão de um fonema com outro abrindo uma lacuna no sistema, o qual tem de ser preenchido por um som resultado de outra mudança. E, no caso, do Asuriní do Tocantins e do Guajajara não há abertura de lacunas no sistema” (Soares e Leite, 1991, p. 41).

⁵ Na realidade a mudança de *a > /i/ em Asuriní do Tocantins só ocorreu quando *a é precedida /n/ ou /ŋ/.

⁶ No caso, reflexos de *a antes de silêncio.

⁷ O Asuriní do Xingu apenas reduziu o número de vogais nasais, mas continua com o sistema vocálico em que cinco vogais orais contrastam com cinco vogais nasais (i, e, y, a, o, ã, ê, ÿ, ã, õ).

⁸ Apenas antes de /m/ ou antes de silêncio.

⁹ Muito provavelmente em Araweté.

Soares e Leite (1991, p.43) concluem com uma proposta alternativa para o sistema vocálico do PTG com cinco vogais, tendo /u/ em lugar de /o/. Para as autoras, em línguas com um sistema de cinco vogais, seria mais apropriado haver /u/ em lugar de /o/. Tal decisão, segundo as autoras, deriva do fato de que línguas Tupí-Guaraní que têm o fonema /o/ também tem um alofone [ɔ] e que isto não ocorre em línguas que perderam o contraste entre o fonema /u/ e o fonema /o/.

Rodrigues (1984) apresenta uma outra explicação para a nasalidade vocálica em Tapirapé. Para esse estudioso é a propriedade compacta que “é necessária para a compreensão dos processos de nasalização associada com abertura vocálica no Kaingáng e no Tapirapé” (Rodrigues, 1984, p. 265-266). O autor também propõe uma explicação para alguns processos de nasalidade em línguas Tupí-Guaraní e Jê, como são os casos do Asuriní do Tocantins e do Tapirapé. Segundo Rodrigues,

a nasalização de consoantes no início ou no fim de palavras ou de enunciados [em línguas como] Asuriní e Tapirapé indica que a propriedade ‘nasal’ deve ser reconhecida como característica fonética de alguns tipos de fronteiras ou junturas. [... Isso] implica também que há duas fontes de sons e fonemas nasais até agora não consideradas nem pelas teorias fonéticas, nem pelas teorias fonológicas: o surgimento de vogais nasais por ampliação da compacidade (ou da ressonância) e o aparecimento de consoantes (e vogais) nasais por assimilação à propriedade nasal de fronteiras de palavras e de enunciados (ou de pausas) (Rodrigues, 1984, p. 266).

Labov (1994) também propõe uma análise diferenciada da proposta por Soares e Leite (1991) para as mudanças vocálicas ocorridas no Tapirapé, que coincidem, em parte, com mudanças ocorridas no Asuriní do Tocantins e no Parakanã. Esse autor parte do princípio de que as línguas da família Tupí-Guaraní possuem um sistema vocálico de seis vogais orais e seis nasais, diferentemente do que propõe Soares e Leite (1991), mas em consonância com Rodrigues (1984). Labov observa que Soares e Leite (1991) demonstram que muitas das línguas dessa família linguística foram afetadas por uma série de movimentos de alteamento vocálico que centralizaram as vogais e, em alguns casos, o alteamento continuando até a fusão de vogais médias com vogais altas.

Labov (1994) argumenta que tais movimentos não envolveram diretamente mudanças, como propõem Soares e Leite (1991), pois o Tapirapé apresenta tipicamente o alteamento condicionado de /a/ para [ə] precedendo nasais, assim como o alteamento de /ã/ para [ẽ], e que os dois processos devem ser condensados em uma única regra (regra 25).

Imagem 2 – Regra 25

$$\begin{bmatrix} -\text{round} \\ -\text{ant} \\ \langle -\text{nas} \rangle \end{bmatrix} \rightarrow [-\text{low}] / \text{ — } \begin{bmatrix} -\text{syl} \\ \langle +\text{nas} \rangle \end{bmatrix}$$

Fonte: Labov (1994, p. 289).

Labov propõe que essa combinação resulta de um processo anterior de assimilação, caracterizado pela nasalização de vogais antes de consoantes nasais. A fim de explicar as alterações vocálicas no Tapirapé, Labov propõe duas regras, numeradas como (26) e (27).

Imagem 3 – Regras que explicam as alterações vocálicas em Tapirapé propostas por Labov (1994)

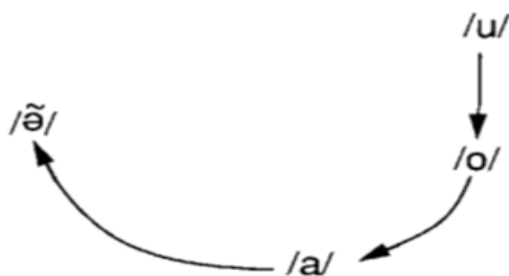
$$\begin{array}{ll} (26) & [+low] \rightarrow [+nas] / \text{ — } [+nas] \\ (27) & \begin{bmatrix} -\text{round} \\ -\text{ant} \\ \langle +\text{nas} \rangle \end{bmatrix} \rightarrow [-low] \end{array}$$

Fonte: Labov (1994, p. 289)

Trata-se, portanto, de uma mudança em cadeia acionada em Tapirapé pela extensão de (26) que nasaliza vogais baixas e que, por outro lado, representa um contraexemplo ao Princípio Não-Marcado, uma vez que vogais nasais são o subsistema marcado. Em termos articulatórios, Labov (1994, p. 290) explica que a nasalização de vogais baixas em muitas línguas e em diferentes momentos favorecem o abaixamento do véu palatino, como proposto por Chen e Wang (1977). Para Labov, a mudança em cadeia do Tapirapé envolve um movimento de /o/ para o lugar vago por /a/, e um movimento descendente de /u/ para o lugar vago por /o/.

Em suma, Labov (1994) rejeita as regras ordenadas por Leite (1982) e retomadas em Soares e Leite (1991), propondo que a mudança em cadeia se inicia com o alteamento de /ã/ e com subsequente alteamento de /a/, seguido do abaixamento de /o/ e o abaixamento de /u/.

Imagem 4 – Mudança em cadeia segundo Labov (1994)



Fonte: Labov (1994, p. 290).

A análise de Labov reforça a de Rodrigues (1984) para quem a questão gira em torno da compacidade vocálica.

2. Mudanças vocálicas em Parakanã

Algumas mudanças vocálicas na língua Parakanã foram tratadas por Cabral e Solano (2003a, 2003b), como a desnasalização vocálica sofrida pela maioria das línguas do sub-ramo IV, tais como a mudança de /ɔ/ finais para /a/ e de /u/ para /o/. Entretanto, os dados coletados recentemente junto aos Parakanã por Cabral, Costa, Tavares, Ikamá Parakanã, Tarana Parakanã e Xeteria Parakanã (2023), das duas variedades do Parakanã da TI Parakanã (variedade Oriental e variedade Ocidental), revelam que, além dessas mudanças identificadas pelas autoras supracitadas, o Parakanã mudou também antigos /ã/(s) de sílabas finais para /i/, quando seguidos de /n/ ou /ŋ/, como em /amína/ ‘chuva’ e /akíŋa/ ‘cabeça’, respectivamente, além de mudar os /ã/(s) finais para /o/. Outra mudança identificada por nós foi a presença de vogais nasais no Parakanã Oriental. Embora essas vogais nasais ocorram em um número restrito de palavras, já se apresentam consolidadas na fala dos Parakanã Orientais, como nos exemplos seguintes:

- /ha’óβã/ ‘partícula onírica’, /haʔã/ ‘carne’, /maʔéaʔã/ ‘carne de comer’ (reflexos da vogal */a/);
- /hatʃiã/ ‘chifre’ (reflexo da vogal */i/ do PTG)
- /nairõʔtʃ/ ‘três’, e /iowakõã/ ‘coxa’, /tʃiʔõã/ ‘coração’ e /hatõ/ ‘duro’, /kotʃõã/ ‘mulher’ /miroʔõã/ ‘umbigo’ (respectivamente reflexos das vogais *õ e *ã do PTG).

Exemplos como esses com /õ/ nasal são os mais frequentes;

- itʃiã/ ‘nariz’ e /okaʔiã/ ‘ele arranha’ (reflexos respectivamente de PTG *ĩ e ã).

As vogais nasais encontradas na variedade Oriental da língua Parakanã, como podem ser vistas nos exemplos acima, não apresentam condicionamento fonológico para ocorrerem nasais. Ou seja, não prescindem da presença de fonema nasal contíguo ou na mesma palavra. Resta definir quais as motivações para a presença dessas vogais nasais na variedade Parakanã Oriental. Cabral (comunicação pessoal) sugere três hipóteses: a) as vogais nasais seriam resquícios de antigas vogais nasais; b) o surgimento de vogais nasais teria sido propiciado pela posição em que elas se encontram, em sílabas finais de palavras ou próximas de sílabas finais; ou c) as vogais nasais do Parakanã Oriental seriam resultado da introdução de mulheres Araweté ou Anambé entre eles.

A primeira hipótese é interessante, pois originalmente palavras como /itʃĩa/ ‘nariz’ /okarĩtʃ/ ‘ele arranha’, /nairĩtʃ/ ‘três’, /kotʃõa/ ‘mulher’, /miroʔõa/ ‘umbigo’ eram nasais já em PTG, respectivamente */itĩa/ ‘osso do nariz de algo ou alguém’, */okarāj/ ‘ele arranha’, */nairĩj/ ‘não há companheiro’, */kujã/ ‘mulher/fêmea’, /miruʔã/ ‘umbigo humano’. Por outro lado, não se explica o fato dessas vogais nasais não terem se mantido na variedade Parakanã Ocidental, considerando que a separação desses grupos se deu em fins do século XIX (Fausto, 2001, p. 33-34), tendo os Parakanã Orientais voltado a ter contato com os Ocidentais na TI Parakanã desde a década de 1980. Há, ainda, o fato de que a nasalização de vogais átonas finais como em /ha’õβẽ/ ‘partícula onírica’, não se conforma ao padrão do que poderia ter sido retenção de antigas vogais nasais. De toda forma, o processo de desnasalização vocálica sofrido pelo Parakanã é mais antigo, pois afetou não só o Parakanã, mas também, o Asuriní do Tocantins, o Suruí Aikewára e as línguas Tentehára.

Quanto à hipótese b), esta pode se fundamentar na ideia de que silêncio é uma fonte potencial de nasalidade, como propõe Rodrigues (2003), visto que é natural que em posição final, antes de silêncio, ocorra antecipação da posição de repouso dos órgãos bucais, antecipando o abaixamento do véu palatino. Entretanto, há que se considerar que apenas nas palavras como /ha’õβẽ/ ‘partícula onírica’, /haʔã/ ‘carne’, /hatʃĩã/ ‘chifre’, /iowakõã/ ‘coxa’ as vogais estão realmente antes de silêncio. Também é de se esperar que, nesse caso, outras vogais finais, principalmente, a(s) finais, surgissem nasalizadas. Já a hipótese c), que considera que a presença de vogais nasais na variedade Parakanã Oriental deve-se à introdução de mulheres Araweté ou Anambé entre os Parakanã Orientais, pode ser fundamentada pelas várias menções encontradas na literatura de contatos entre os Parakanã com outros grupos indígenas Tupi-Guaraní no interflúvio dos baixos cursos dos rios Xingu-Tocantins, como detalhamos mais

adiante. É importante que nos atentemos ao fato de que tanto a língua Araweté como a língua Anambé nasalizaram todos os a(s) finais, como observado por Cabral e Solano (2006) e como se constata no Quadro 01 a seguir:

Quadro 1 – Características fonológicas e gramaticais do PTG, Asuriní do Tocantins, Kayabí, Asuriní do Xingu, Araweté, Anambé, Wayãpí.

PTG	Asiriní-T	Kayabí	Asuriní-X	Araweté	Anambé	Wayãpí
PTG *C#	+	+	+	-	-	n, ŋ
PTG *p ^w	k ^w	ϕ	ϕ	p	p ^w	pw, kw
PTG *pu	po	ϕu	ϕu	pu	Pu	pu
PTG *p ^j	tʃ, ts, ʃ, s	ts, s	tʃ	tʃ	tʃ	s
PTG *k ^j	k	s	k ¹⁰	tʃ	tʃ	k
PTG *a#	a	a	a	ã	ã	a
PTG *ã#	o (_#, _m) i (_n, _ŋ)	ə	i	ĩ	ĩ	ã
PTG *o#	a	o	a	a	u/o	o
PTG *(C)#	+	+	+	+	+	+/-
PTG pronomes de 3ª pessoa	-	+	+	+	+	-
PTG pref. corr. em nomes e verbos	+	+	+	+	-	-
PTG Sufixo de gerúndio	+	+	+	-	-	_ ¹¹
PTG Indicativo.II em todas as pessoas	-	-	-	+	+	
PTG *pejé, pejepé ou correlatos	+	+	+	+	-	-
PTG prefixos pessoais acusativos	-	+	+	+	+	-

Fonte: Adaptado de Cabral e Solano (2006, p. 60).

Ademais, assim como as línguas Araweté e Anambé, os ã(s) do Parakanã antes de nasais mudaram para /i/, mas apenas precedendo /n/ e /ŋ/, antes do processo de desnasalização vocálica (cf. Labov, 1994; Rodrigues, 2003). No Araweté, a presença de /ĩ/ antes de /ŋ/, reflexo de PTG *ã ocorria em um estágio anterior de sua história, antes da mudança flip-flop, ou seja, a mudança ocorrida nessa língua em que vogais centrais altas se anteriorizaram e vogais anteriores se centralizaram mutuamente, de forma que /i/ e /ĩ/ mudaram respectivamente para /ĩ/ e /i/; e os /ĩ/ e /i/ mudaram respectivamente para /i/ e /ĩ/. Em Araweté e em Anambé houve queda de consoantes finais e, nos casos em que essas consoantes eram nasais, as vogais precedentes

¹⁰ Embora os reflexos do PTG *k^j sejam k em Asuriní do Xingú, houve o alteamento de /e/ para /i/, seguindo *kj, ex. *-kjét > -kit.

¹¹ Com a perda de consoantes finais, o Anambé desenvolveu um marcador de gerúndio *na*, provavelmente a partir da terminação de palavras no gerúndio com [j] final, cujo alomorfe do sufixo de gerúndio era *-na*. Os Anambé tomaram esse sufixo como marca de gerúndio, mas o reanalisaram como partícula.

fixaram nelas a nasalidade antes propagada por essas consoantes e, em seguida ou paralelamente, todos os a(s) finais se nasalizaram. Como já colocado anteriormente neste estudo, Labov (1994) já observara que há uma tendência de a(s) finais se nasalizarem, assim como Rodrigues (2003) já propusera a importância de pausa e silêncio como fonte potencial de nasalidade.

Exemplos de vogais nasais finais do Anambé são -jeʔé ‘falar’, -jukã ‘matar’, karã ‘cará’. Como proposto por Cabral (comunicação pessoal), é possível que a presença de vogais nasais em Parakanã Oriental tenha resultado de contato de seus falantes com falantes de línguas do sub-ramo V, como falantes do Anambé ou do Araweté, muito provavelmente por meio de inserção de mulheres dessas etnias no seio dos Parakanã Orientais.

A literatura etnológica (Arnaud, 1967, 1971; Muller, 1985, 1990; Castro, 1986, Fausto, 2001) menciona a presença de povos Tupí-Guaraní no interflúvio do baixo rio Xingu e baixo rio Tocantins, e movimentos desses diferentes grupos pelos rios Pacajá e Bacajá. Tais menções colocam essa região como marcada por movimentos de populações Tupí-Guaraní dos sub-ramos IV e V, assim como pelos Xicrin do Bacajá, pelo menos nos últimos 200 anos.

Arnaud (1967, 1971) afirma que os Parakanã, que provavelmente viviam às margens do igarapé Lontra, à esquerda do rio Tocantins, foram assim denominados pelos Arara-Parirí. Estes, por sua vez, em 1910, teriam sido expulsos pelos Parakanã de seu território original no rio Iruaná, afluente do Pacajá, em Portel. Ainda segundo Arnaud, a partir de 1920, os Parakanã intensificaram suas atividades de pilhagem ao longo da Estrada de Ferro Tocantins “e, a partir de 1927, no Pôsto do S.P.I, instalado no cruzamento do Km 67 com o rio Pucuruí, em bandos compostos por 40, 50, 60 e até 100 homens” (Arnaud, 1971, p. 21-22).

Arnaud (1971) menciona que os Asuriní do Xingu, que habitavam entre o igarapé Ipixuna e o rio Bacajá, ambos afluentes do Xingu, na região de Senador José Porfírio, não possuíam mais afinidades com os Asuriní encontrados no Trocará (Tocantins) e no Pacajá de Portel. Esses últimos já se encontravam estabelecidos na região desde o final do século XIX, onde mantinham confrontos esporádicos com seringueiros e indígenas Kayapó. Muller (1985,1990) afirma que o território Asuriní do Xingu se estendia por uma vasta região compreendida entre a confluência dos rios Bacajá e Xingu e a área ao norte da foz do igarapé Bom Jardim, no Xingu. Contudo, esse território tradicional de ocupação dos Asuriní do Xingu foi gradualmente restringido, devido à invasão de outros grupos indígenas que, por sua vez,

foram deslocados de suas terras originais. A afirmação de Muller é corroborada por dados de Castro (1986), o qual realizou uma etnografia do povo Araweté. Esse autor afirma que:

Os Araweté são os remanescentes de uma população de caçadores e agricultores da floresta de terra firme que se deslocou, há cerca de vinte e cinco anos, da região das cabeceiras do rio Bacajá em direção ao Xingu. Desde então, ocuparam uma área compreendida entre as bacias dos rios Bom Jardim (dito "S.-Jose" em alguns mapas) ao sul, e Piranhaquara ao norte, que inclui os rios Canafístula, Jatobá e Ipixuna. O rio Xingu é o limite oeste de seu território, nunca franqueado. Há muito que o divisor Xingu-Bacajá não é cruzado, a Leste; ali começa uma região que os Araweté identificam aos temidos Kayapó-Xikrin do P.I. Bacajá. Tampouco eles se têm aventurado além do Bom Jardim, onde um grupo Parakanã (o mesmo que os atacou em 1976-7 e 1983) foi recentemente "contactado". A partir da margem direita do Piranhaquara começa a região dos Asuriní, outro inimigo tradicional dos Araweté (Castro, 1986, p. 132-33).

Fausto (2001) menciona, em vários trechos de seu estudo, tanto a presença de mulheres estrangeiras entre os Parakanã como a cisão ocorrida entre eles, em finais do século XIX, motivada pela disputa por mulheres.¹² O autor afirma que o território tradicional Parakanã estava localizado no "interflúvio Pacajá-Tocantins, entre as latitudes 4°-5° S., e longitudes 50°-51° W" (Fausto, 2001, p. 12). Para esse autor, os Parakanã, provavelmente, descendem de uma das antigas tribos Tupis que habitava a região há muito tempo, dentro de um território delimitado ao norte pelo rio Pará, ao sul pelo rio Itacaiúnas, a leste pelo rio Tocantins e a oeste pelo rio Pacajá (Fausto, 2001, p. 18-19).

Os Parakanã teriam sido avistados pela primeira vez em 1910, no rio Pacajá, nas proximidades da cidade de Portel, sendo posteriormente identificados como o grupo indígena que, na década de 1920, realizava incursões entre a cidade de Alcobaça e o baixo curso do rio Pucuruí. Fausto (2001, p. 33-34; 38) afirma que os Parakanã Orientais ocupavam as cabeceiras e médio curso dos rios da Direita, Bacuri, Pucuruí e Pacajazinho; e os Parakanã Ocidentais ocupavam a região mais a oeste, em direção ao rio Pacajá. Segundo a hipótese de Fausto (2001),

¹² Em 1998, Cabral e Rodrigues em trabalho de campo, em Altamira, com indígenas Parakanã e Araweté presenciaram na casa do Índio uma situação em que um grupo Parakanã Ocidental, de Apyterewa, e um grupo de Araweté do Ipixuna, estiveram ao mesmo tempo na Casa do Índio, porém distribuídos em locais diferentes. Durante um almoço, um homem Araweté dirigiu-se ao grupo Parakanã, que estava embaixo de um chapéu de palha, com um prato de carne que entregou a duas mulheres. Cabral perguntou à Senhora funcionária da FUNAI, Dona Olga, o significado dessa entrega. A funcionária respondeu que as duas mulheres a quem o Araweté entregou o prato de carne eram mulheres Araweté que haviam sido roubadas pelos Parakanã há aproximadamente 10 anos antes, quando ainda crianças, ou seja, na década de 1980.

os Parakanã Ocidentais teriam chegado à região do divisor de águas entre os rios Xingu e Bacajá onde se depararam com:

velhos (ou talvez novos) inimigos: os arawetés, que foram chamados de yrywijara (“senhores da carnaúba”) ou arajara (“senhores das araras”) como aqueles dos anos 1920. Entre 1975 e 1976, realizaram três ataques (dois contra aldeias, um contra um acampamento de caça), assaltando-os nos igarapés Ipixuna, Bom Jardim e Jatobá. Mataram dezoito, raptaram três mulheres e sofreram apenas uma baixa (Fausto, 2001, p. 61).

A literatura etnológica sobre os povos do interflúvio Xingu-Tocantins traz evidências de contato entre os Parakanã com os Araweté e os Asuriní do Xingu, inclusive, como reporta Fausto, com incidência de roubo de mulheres de outras etnias pelos Parakanã.

De todas as hipóteses levantadas a de que as vogais nasais encontradas na variedade Oriental podem ter sido resultado de interferência de mulheres Araweté ou Anambé inseridas entre os Parakanã é a que consideramos aqui a mais consistente. Por outro lado, a presença dessas vogais, mesmo induzida por contato com mulheres de outras etnias, pode ter-se fixado deliberadamente pelos Parakanã Orientais pela necessidade de se diferenciarem de alguma forma dos Parakanã Ocidentais. Atitudes que demonstram a vontade de diferenciação identitária linguística são também observadas entre os Parakanã Ocidentais. Há, ainda outras marcas, no caso fonéticas e lexicais, que também são usadas pelos falantes das duas variedades como marcas diferenciadoras de identidade.

Sarah Gray Thomason, em seu artigo *Language Contact and Deliberate Change* (2007), cita vários exemplos de mudanças linguísticas deliberadas e algumas delas justamente motivadas pelo entendimento de falantes de uma dada língua a verem como marca saliente de identidade linguística. Thomason (2007) cita comentários de Kurlik sobre a consciência de comunidades da nova Guiné sobre língua e identidade linguística:

As comunidades da Nova Guiné têm deliberadamente incentivado a diversidade linguística, pois vêem a língua como uma marca altamente significativa da identidade de grupo... [eles] tradicionalmente têm aproveitado a dimensão de demarcação de fronteiras da linguagem e... cultivado as diferenças linguísticas como uma forma de "se destacarem" em relação aos seus vizinhos [...]. (Kurlik, 1992:1-2, apud Thomason 2007, p.50, tradução nossa)¹³.

¹³ “New Guinean communities have purposely fostered linguistic diversity because they have seen language as a highly salient marker of group identity....[they] have traditionally seized upon the boundary marking dimension of language, and...have cultivated linguistic differences as a way of ‘exaggerating’ themselves in relation to their neighbors....” (Kurlik, 1992:1-2, apud Thomason 2007, p.50).

Notamos que os professores das duas variedades Parakanã, principalmente, nas oficinas de Língua Materna, têm dificuldades em interagir uns com os outros e que fazem questão de deixar claro que a língua de um grupo é diferente da língua do outro grupo, mesmo sendo algumas das diferenças entre as duas variedades apenas subfonêmicas. Essas atitudes dos Parakanã Orientais com respeito aos Parakanã Ocidentais, e vice-versa, fortalecem a ideia de que, apesar do surgimento de vogais nasais na variedade Oriental ter sido resultado de contato linguístico, seus falantes usam a presença dessas vogais como marco divisor das duas variedades, entendidas por eles como línguas diferentes.

Considerações finais

Apresentamos até aqui uma discussão sobre a origem de vogais nasais na variedade Oriental da língua Parakanã, abraçando a hipótese de que essas vogais nasais foram introduzidas por mulheres de outros povos Tupí-Guaraní que viviam em movimento na região do interflúvio dos baixos cursos dos rios Xingu e Tocantins, dentre os quais os Araweté e Anambé. Reiteramos o que já fora colocado por Cabral e Solano (2006), que essas duas línguas do sub-ramo V perderam consoantes finais e que, nos casos de queda de consoantes, as vogais precedentes resultaram nasais. Por outro lado, todos os a(s) finais do Araweté e do Anambé se nasalizaram. Considerando esses fatos, a hipótese de interferência externa para a presença de vogais nasais na variedade Oriental da língua Parakanã ganha em mais consistência do que as outras duas hipóteses, inovação interna à própria variedade e a proximidade das vogais ao final de palavra.

Há um outro fato muito interessante entre os Parakanã Orientais e Ocidentais que é a necessidade intrínseca de se apresentarem diferenciados em vários aspectos, como mencionamos anteriormente, de forma que a presença de vogais nasais na fala dos Orientais se destaca como um dos importantes traços distintivos de sua identidade face aos Ocidentais. Mas há, também, outras diferenças que são vistas pelos Parakanã Orientais como distintivas das duas variedades, como a presença nessa variedade de uma fricativa velar [ɣ] em variação com uma oclusiva velar [g] seguindo vogal central alta contígua a vogal baixa da sílaba seguinte, como por exemplo em [ha'tiɣɛ] ‘esposa desse de quem eu falo’, [ʔiɣɛ] ‘água’ [i.tʃɔki'riɣɛ] ‘amarelo’. A presença dessa variação pode ser um fato adicional a reforçar a interferência de falantes Araweté nessa variedade Parakanã, visto que em Araweté, depois de todos os i(s) oriundos de antigos i(s) segue uma consoante oclusiva alveolar, como em ido'i ‘frio’. Muito provavelmente, antes da mudança flip-flop que ocorreu em Araweté, a consoante de ligação seguindo a vogal

central alta /i/ era uma consoante velar, muito provavelmente [ɣ] ou [g]. Mas depois da mudança de /i/ para /i/, ou seja, de uma vogal mais posterior para uma vogal coronal, a consoante de ligação teria naturalmente se harmonizado com a coronalidade do /i/ mudando de [g] para [d]. Assim, a presença de um som de transição entre uma vogal central alta e uma vogal baixa na variedade Parakanã Oriental pode ter surgido ou se fixado na língua também por influência externa.

O fato é que a presença de vogais nasais em Parakanã Oriental, mesmo que em pequeno número, somada a um som de transição como a fricativa velar contígua a vogal i, contam para fortalecer a diferença identitária que os Parakanã Orientais sentem com relação aos Parakanã Ocidentais, uma diferença que eles querem que seja reconhecida por todos.

Finalmente, uma questão a ser dialogada com os Parakanã é como normatizar a escrita da língua considerando a presença de vogais nasais apenas em uma das variedades. Temos sugerido, durante as oficinas, que os Parakanã juntos avaliem qual a solução que consideram mais viável, se a de marcar ou não a nasalidade de palavras da variedade Oriental, quando escrita pelos falantes dessa variedade. Até o presente, essa tem sido a opção aprovada pelos falantes das duas variedades. Resta aos Parakanã ponderarem eles próprios todos os prós e contras para definição de uma escrita comum às duas variedades.

Referências Bibliográficas

ARNAUD, Expedito. Grupos Tupi do Tocantins. Atas do Simpósio sobre a Biota Amazônica, v. 2 (Antropologia). Rio de Janeiro: Conselho Nacional de Pesquisas, 1967, p. 57-68. Disponível em <http://www.etnolinguistica.org/biota:vol2p57-68> Acesso em 30 de jul. 2024.

ARNAUD, Expedito. A ação indigenista no sul do Pará (1940-1970). Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Antropologia, n. 49. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1971. Disponível em <http://www.etnolinguistica.org/biblio:arnaud-1971-acao> Acesso em 30 de jul. 2024.

CABRAL, Ana Suely A. Câmara; SOLANO, Eliete de J. Baraurá. Sobre as línguas Tupi-Guarani do Xingu e os seus deslocamentos pré-históricos. In: SIMÕES, Maria do Socorro (Org.). Sob o signo do Xingu. Belém: UFPA/IFNOPAP, 2003a, p. 17-36.

CABRAL, Ana Suely A. Câmara; SOLANO, Eliete de J. Baraurá. As línguas Tupi-Guarani da Bacia do Tocantins e Araguaia. Comunicação apresentada durante o II Encontro Nacional do GELCO, Goiânia, 2003b.

CABRAL, Ana Suely A. Câmara; SOLANO, Eliete de J. Baraurá. Mais Fundamentos para a Hipótese de Proximidade Genética do Araweté com Línguas do sub-ramo V da Família Tupí-

Guaraní. Revista estudos da Lingua(gem), v. 4, n. 2, 2006, pp. 41-65. Disponível em <http://www.realp.unb.br/jspui/handle/10482/4810> Acesso em 26 de ago. 2024.

CAMPBELL, Lyle. Historical Linguistics: An Introduction. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2013.

CASTRO, Eduardo B. Viveiros (de). Araweté: Os deuses canibais. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1986.

CHENG, Chin-chuan; WANG, William S. -Y. Tone change in Chaozhou Chinese: A study of lexical diffusion. In: KACHRU, Braj B. (Ed.). Issues in Linguistics- Papers in Linguistics in Honor of Henry and Renee Kahane. University of Illinois Press, 1977, pp. 99-113.

FAUSTO, Carlos. Inimigos fiéis- história, guerra e xamanismo na Amazônia. São Paulo: EDUSP, 2001.

HOCK, Hans Henrich. Principles of Historical Linguistics. Berlim: De Gruyter Mouton, 1990.

KAUFMAN, Terrence. Language history in South America: What we know and how to know more. In: PAYNE, Doris L. Amazonian Linguistics: Studies in lowland South American languages. Austin: University of Texas Press, 1990.

LABOV, William. Principles of linguistic change- Volume I: Internal factors (Language in Society 20). Oxford: Blackwell, 1994, pp. 271-291.

LEMLE, Miriam. Internal classification of the tupi-guarani linguistic family. In Bendor-Samuel, David (editor). Summer Institute of Linguistics. Tupi Studies I, Vol. 29, 1971, p. 107-129.

LEITE, Yonne de Freitas. A classificação do Tapiraté na família Tupi-Guarani. Ensaios de Linguística, 7, Belo Horizonte, UFMG, 1982, p. 25-32.

MONSERRAT, Ruth Maria Fonini. Construindo a língua escrita Parakanã: Vocabulário e gramática. Subprograma de Educação. Programa Parakanã – FUNAI-ELETRONORTE. 1990, 84fls. (Relatório Não Publicado).

MULLER, Regina A. Polo. Asuriní do Xingu. Revista de Antropologia, v. 27-28, 1985, pp. 91-114.

MULLER, Regina A. Polo. Os Asuriní do Xingu: história e arte. Campinas-SP: Ed. da Unicamp, 1990.

PIMENTEL, Gomes Ivanise. Aspectos fonológicos do Parakanã e morfossintáticos dos Awagajá (Tupi). Dissertação (Mestrado), Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1991, 116 fls.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. Silêncio, nasalidade e laringalidade em línguas indígenas brasileiras. *Letras de Hoje*, v. 38, n. 4, 2003, pp. 11-24. Disponível em: http://biblio.etnolinguistica.org/rodrigues_2003_silencio Acesso em 18 de set. 2024.

RODRIGUES, Aryon Dall'igna; CABRAL, Ana Suely A. Câmara. Revendo a classificação interna da família Tupí-Guaraní. In: CABRAL, Ana Suely A. Câmara; RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. (Org.). *Línguas indígenas brasileiras: fonologia, gramática e história*. 1ed. Belém: EDUFPA, 2002, v. 1, p. 327-337.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. Relações internas na família linguística Tupí-Guaraní. *Revista de Antropologia*, vols. 27-28, 1985, pp. 33-53.

RODRIGUES, Aryon Dall' Igna. Contribuições das línguas brasileiras para a fonética e a fonologia. In: SOLÁ, Donald F. (org.). *Language in the Americas*. Ithaca: Cornell University, 1984, pp. 263-267. (originalmente apresentado na XII Reunião Brasileira de Antropologia, Rio de Janeiro, julho de 1980 -cf. Rodrigues 1981, p. 310).

SILVA, Auristêa Caetana Souza. Aspectos da referência alternada em Parakanã. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Pará, Belém, 1999, 120fls.

SOARES, Marília Lopes da Costa Facó. A perda da nasalidade e outras mutações vocálicas em Kokama, Asurini e Guajajara. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1979, 123 fls.

SOARES, Marília Facó; LEITE, Yonne de Freitas. Vowel shift in the Tupi-Guarani language family: a typological approach. In: KEY, Mary Ritchie (ed.). *Language change in South American Indian languages*. Philadelphia: Philadelphia Press, 1991, p. 36-53.

THOMASON, Sarah. Language Contact and Deliberate Change. *Journal of Language Contact*, 1(1), 41-62, 2007. Disponível em <https://doi.org/10.1163/000000007792548387>. Acesso em 12 de ago. 2024.

Recebido em 03 de abril de 2025

Aceito em 21 de abril de 2025

Publicado em 24 de abril de 2025

Licença de Uso

Licenciado sob Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0). Esta licença permite compartilhar, copiar, redistribuir o manuscrito em qualquer meio ou formato. Porém, não permite adaptar, remixar, transformar ou construir sobre o material, tampouco pode usar o manuscrito para fins comerciais. Sempre que usar informações do manuscrito deve ser atribuído o devido crédito de Autoria e publicação inicial neste periódico.

